

VESTIBULAR

Junho de 2012

Modelo A - Manhã

IDENTIFICAÇÃO DO CANDIDATO

— CADERNO DE PROVAS —

INSTRUÇÕES:

Este **Caderno de Provas** deve conter:

1. Um conjunto de páginas numeradas sequencialmente, contendo as seguintes provas:
 - Análise Verbal em Língua Portuguesa– **testes 01 ao 30.**
 - Redação: temas e folhas para rascunho.
2. Um **Cartão de Respostas**, com seu nome e número de inscrição.

Você receberá as **folhas para transcrever suas redações somente quando entregar o Cartão de Respostas.**

Lembre-se de que você deve reservar tempo suficiente para transcrever as suas redações.

ATENÇÃO:

- a. Confira o material recebido, verificando se as numerações dos testes e das páginas estão corretas.
- b. Confira se o seu nome e número de inscrição, no **Cartão de Respostas**, estão corretos.
- c. Leia atentamente cada teste e assinale, no **Cartão de Respostas**, a alternativa que mais adequadamente responda a cada um dos testes.
- d. Destaque **cuidadosamente** o **Cartão de Respostas** do caderno de prova, utilizando a serrilha indicada. Lembre-se de que o **Cartão de Respostas** não será substituído em hipótese alguma.
- e. O **Cartão de Respostas** não pode ser rasgado, dobrado, amassado, rasurado ou conter qualquer registro fora dos locais destinados às respostas.
- f. No **Cartão de Respostas**, a marcação das letras correspondentes às respostas certas deve ser feita cobrindo a letra e preenchendo toda a bolha, conforme exemplo no próprio cartão.
- g. Use lápis 2B, caneta com tinta preta ou azul.
- h. Em hipótese alguma utilize caneta com tinta vermelha, laranja ou roxa.
- i. Marque apenas uma opção por teste.
- j. O computador não registrará marcação de resposta onde houver falta de nitidez ou mais de uma alternativa assinalada em um mesmo teste.
- k. Se houver necessidade de apagar a resposta, faça com o máximo de cautela, evitando deixar sombras.
- l. Não é permitido destacar qualquer folha deste caderno, com exceção do **Cartão de Respostas**.
- m. Se você precisar de algum esclarecimento, solicite-o ao **Monitor**.
- n. Você dispõe de quatro horas para fazer esta prova, **incluindo o tempo para transcrever suas redações.**

Obrigada pela escolha e

BOA PROVA!

A Comissão do Vestibular

Utilize o texto abaixo para responder aos testes 1 a 5.

Quem ri por último ri Millôr

Eu tinha 15 anos, havia tomado bomba, era virgem e não via, diante da minha incompetência para com o sexo oposto, a mais remota possibilidade de reverter a situação.

Em algum momento entre a oitava série e o primeiro colegial, todos os meus colegas haviam adotado roupas diferentes, gírias, trejeitos ao falar e ao gesticular, mas eu continuava igual – era como se houvesse faltado na aula em que os estilos foram distribuídos e estivesse condenado a viver para sempre numa espécie de limbo social, feito de incertezas, celibato e moletom.

O mundo, antes um lugar com regras claras e uma razoável meritocracia, havia perdido o sentido: os bons meninos não ganhavam uma coroa de louros – nem ao menos, vá lá, uma loura coroa –, era preciso acordar às 6h15 para estudar química orgânica e os adultos ainda queriam me convencer de que aquela era a melhor fase da vida.

Claro, observando-os, era óbvia a razão da nostalgia: seres de calças bege e pager no cinto, que gastavam seus dias em papinhos de elevador, sem ambições maiores do que um carro novo, um requeijão com menos colesterol, o nome na moldura de funcionário do mês e ingressos para o Holiday on Ice no fim de semana.

Em busca de algum consolo, me esforçava para bater o recorde jamaicano de consumo de maconha, mas, em vez de ter abertas as portas da percepção – ou o que quer que fizesse com que meus amigos se divertissem e passassem meia hora rachando o bico, sei lá, de um amendoim –, só via ainda mais escancaradas as portas da minha inadequação. Foi então, meus caros, que eu vi a luz - e a luz veio na forma de um livro; "Trinta anos de mim mesmo", do Millôr Fernandes.

A primeira página que eu abri trazia um quadrado em branco, com a seguinte legenda: "Uma gaivota branca, trepada sobre um iglu branco, em cima de um monte branco. No céu, nuvens brancas esvoaçam e à direita aparecem duas árvores brancas com as flores brancas da primavera". Logo adiante estava "O abridor de latas", "Pela primeira vez no Brasil um conto inteiramente em câmera lenta" – narrando um piquenique de tartarugas que durava uns 1.500 anos. Mais pra frente, esta quadra: "Essa pressa leviana/ Demonstra o incompetente/ Por que fazer o mundo em sete dias/ Se tinha a eternidade pela frente?".

Lendo aquelas páginas, que reuniam o trabalho jornalístico do Millôr entre 1943 e 1973, compreendi que não estava sozinho em meu estranhamento: a vida era mesmo absurda, mas a resposta mais lógica para a falta de sentido não era o desespero, e sim o riso. Percebi, como se não bastasse, que se agregasse alguma graça aos meus resmungos poderia fazer daquele incômodo uma profissão. Dos 19 anos até hoje, jamais paguei uma conta de luz de outra forma.

Uma pena nunca ter conhecido o Millôr pessoalmente, não ter podido apertar sua mão e agradecer-lhe por haver me sussurrado ao ouvido, quando eu mais precisava escutar, a única verdade que há debaixo do céu: se Deus não existe, então tudo é divertido.

(Antonio Prata, Folha de S. Paulo, 04/04/2012)

1. Para homenagear Millôr Fernandes, falecido em março de 2012, Antonio Prata faz um relato pessoal que revela a influência do escritor em sua vida. Levando em conta as informações apresentadas no texto, é correto afirmar que o autor

- (a) considerava-se, quando adolescente, incompreendido por se julgar superior aos colegas de escola, cujos interesses eram fúteis.
- (b) admite que sua experiência com drogas, aos 15 anos, foi uma forma de reagir contra a opressão que sofria de sua família.
- (c) reconhecia a razão pela qual os adultos, a quem ele se refere como “seres de calça bege e pager no cinto”, idealizavam a adolescência.
- (d) cria, no título, um trocadilho com o ditado popular para reforçar a ideia de que o humor representa a cura para os males da sociedade.
- (e) conclui que sua busca pela felicidade somente se concretizou quando resolveu seus conflitos religiosos.

2. Em “condenado a viver para sempre numa espécie de limbo social, feito de incertezas, celibato e moletom”, o autor recorre a uma construção para produzir efeito de humor, explicada adequadamente na alternativa:

- (a) Trata-se da ambiguidade intencional, através da dupla possibilidade de interpretação do substantivo “celibato”.
- (b) Fazendo uma comparação subentendida entre dois elementos que não pertencem à mesma categoria – relacionamento interpessoal e religiosidade –, o autor recorre a uma metáfora.
- (c) O período apresenta como estratégia textual o emprego do anacoluto para produzir uma ruptura de natureza sintática.
- (d) O autor explora efeitos estéticos a partir da enumeração que une palavras de universos diferentes (substantivos abstratos seguidos de um concreto), produzindo a quebra do paralelismo semântico.
- (e) O jogo de palavras é feito por meio da atenuação de pensamento, para significar mais do que o que se diz e sugeri-lo assim mais intensamente.

3. Embora se utilize de um registro linguístico coloquial na passagem “se divertissem e passassem meia hora rachando o bico”, o cronista estabelece, no termo destacado, a concordância nominal de acordo com as regras gramaticais. Assinale a alternativa em que o uso da palavra “meia” ou “meio” **NÃO** está de acordo com a norma culta da língua.

- (a) É meio-dia e meia.
- (b) Eu estou meia cansada.
- (c) As frutas estão meio caras.
- (d) Acolheu-me com palavras meio ríspidas.
- (e) Não me venha com meias palavras.

4. Na passagem “... os bons meninos não ganhavam uma coroa de louros – nem ao menos, vá lá, uma loura coroa...”, o autor faz um jogo de palavras, cujo sentido está mais bem explicado em:

- (a) Os adjetivos “louros” e “loura”, no contexto em que foram empregados, apresentam os mesmos sentidos, sofrendo apenas variação na flexão de gênero e de número.
- (b) A escolha do substantivo “coroa”, nas duas ocorrências do texto, deve-se ao fato de que o cronista pretende assinalar um registro formal da linguagem.
- (c) A locução adjetiva “de louros” e o substantivo “loura” foram empregados pelo autor com a finalidade de criar uma antítese.
- (d) A palavra “coroa” é um substantivo, mas em cada ocorrência exerce uma diferente função sintática: objeto indireto e adjunto adnominal, respectivamente.
- (e) Os termos “louros” e “loura” têm semelhanças gráficas e sonoras e, apesar de parecerem ser o masculino e o feminino da mesma palavra, apresentam significações diferentes.

5. Releia este excerto:

“Foi então, meus caros, que eu vi a luz - e a luz veio na forma de um livro”

- Nas duas ocorrências, o “a” não recebe acento grave, indicador de crase. Isso ocorre porque
- há uma falha gramatical: sempre há crase em locuções adverbiais femininas como “à luz”.
 - se trata de um caso de crase facultativa: a junção de preposição com artigo é uma opção estilística.
 - nunca se emprega acento indicador de crase no “a” diante de palavras masculinas.
 - o novo acordo ortográfico em vigor aboliu acentos como trema e acento grave.
 - os termos regentes associados ao substantivo “luz” rejeitam a presença de preposição.

Utilize a tirinha abaixo para responder ao teste 6.



6. A tirinha de Jean Galvão faz referência a um assunto muito recorrente nas aulas de Português. A respeito da identificação e classificação do sujeito, conforme prescreve a norma gramatical, é **INCORRETO** afirmar que

- no 1.º quadrinho, o “se” empregado nos três períodos escritos na lousa (“Precisa-se de empregados”, “Assiste-se a bons filmes” e “Vende-se casas”) exemplifica a ocorrência de índice de indeterminação do sujeito nos dois primeiros e partícula apassivadora no último.
- o período “Vende-se casas”, no 1.º quadrinho, está riscado porque contém um erro de concordância verbal: o verbo transitivo direto “vender” deveria ser flexionado no plural para concordar com o sujeito paciente “casas”.
- nas três ocorrências, presentes nos períodos escritos na lousa, o “se” exerce a função sintática de índice de indeterminação do sujeito, e, para estabelecerem a concordância verbal de acordo com a norma culta, os verbos devem permanecer no singular.
- no contexto da tira, o adjetivo “indeterminado” pode ser associado a um sentido genérico, não ao critério gramatical, porque apenas qualifica como se sente a personagem (o sujeito), após um dia exaustivo na escola.
- se, no último quadrinho, o garoto analisasse sintaticamente a frase proferida pela mãe, conforme a norma gramatical, ele responderia assim: “sujeito simples, quem”.

Utilize o texto abaixo para responder ao teste 7.

De Binóculo

*Abaixando o copázio
empunhando o espadim
levantando o corpanzil
indiferente ao poviléu
o homenzarrão abriu a bocarra
fitando admirado
a naviarra do capitorra*

(Carlos Saldanha, In: 26 poetas hoje, RJ: Aeroplano, 2001)

7. A partir da associação de texto e contexto, a alternativa que melhor explica o título do poema é:

- (a) Todos os verbos presentes nos versos estão no gerúndio para criar a sensação de prolongamento e dilatação, características do instrumento mencionado no título.
- (b) A presença de aumentativos é um recurso que procura simular o efeito das imagens veiculadas por meio das lentes de um binóculo.
- (c) A legitimação poética traz um efeito paradoxal, já que o binóculo se opõe à constante presença de substantivos no diminutivo.
- (d) Os versos desse poema valorizam um padrão linguístico erudito que amplifica a arte poética, metaforicamente representada pelo instrumento óptico.
- (e) A flexão dos substantivos sugere um procedimento antitético promovido pelo jogo equilibrado de oposições entre o aumentativo e o diminutivo, como se o poeta buscasse o foco em um binóculo.

Utilize o texto abaixo para responder aos testes 8 e 9.

Quem nunca fotoxopou?

FALA-SE HOJE em Facebook, Google e iPhone com a mesma combinação de fascínio e terror que um dia já se falou de Motorola e Nokia. Tudo se move rápido demais no mundo digital, e são poucas as empresas que conseguem permanecer competitivas ao longo dos anos. Apesar de o Vale do Silício ter aquele ar hollywoodiano de terra de oportunidades, contam-se nos dedos empresas longevas como uma Adobe, uma Dell, uma Amazon.

Por ter grande mobilidade, a concentração de poder e influência no mundo digital surge tão rápido quanto desaparece, a ponto de ser cada vez mais difícil encontrar quem fique na liderança por uma mísera década. Na virada do século não havia Friendster, Myspace nem Orkut, o grande buscador era o Yahoo!, seguido pelo Lycos. E a internet móvel estava a cargo de empresas inovadoras como Palm e Kyocera.

O usuário de produtos digitais é cada vez mais volúvel e pragmático. Novos produtos e serviços podem até seduzi-lo com propaganda, design e preço. Mas a relação dificilmente será mantida se a marca não se renovar com a velocidade esperada, pouco importa sua fatia de mercado. Kodak e Sony que o digam. Mesmo que ainda sejam gigantescas, já não têm o apelo de outrora.

A melhor lição de empresas bem-sucedidas em relacionamentos de longo prazo é a do bom e velho Photoshop, vendendo saúde em seus 22 anos de idade e 12 plásticas (oops, versões). Como o Google, ele é sinônimo de categoria e verbo. Mas também é adjetivo, substantivo, pejorativo e indicativo de retoques fotográficos, mencionado com familiaridade até por quem não faça ideia de como ele funciona. Ao contrário do AutoCAD, que é oito anos mais velho, mas desconhecido fora de seu nicho, o Photoshop é unanimidade.

(Folha de S. Paulo, 26/03/2012.)

8. Segundo o texto, o que determina a longevidade e a sobrevivência de um negócio ou empresa, no mundo atual, é

- (a) a flexibilidade de adaptação do produto aos anseios do cliente.
- (b) a concentração de poder que fideliza o cliente fascinado pela grife.
- (c) o investimento na atuação da empresa em um nicho específico.
- (d) o modelo de gestão dogmática que investe na propaganda.
- (e) a familiaridade do cliente com o funcionamento dos produtos.

9. Quanto às variações exploradas a partir do termo "Photoshop", é correto afirmar que

- (a) o neologismo do título foi formado pelo mesmo processo que o termo "design", presente no texto.
- (b) como adjetivo, o valor depreciativo do termo "fotoxopado" decorre exclusivamente do sufixo "-ado" agregado ao radical.
- (c) as palavras formadas a partir do estrangeirismo "photoshop" constituem jargões restritos à área de informática.
- (d) a grafia abasileirada de "fotoxopou", diferentemente de "hollywoodiano", no 1.º parágrafo, é uma prova de que o software se popularizou no mundo.
- (e) apesar de não ter sido mencionado no texto, também seria possível transformar "Photoshop" em advérbio de modo: "fotoxopalmente".

10. Recentemente, diversos jornais divulgaram a notícia de que o Ministério Público Federal entrou com uma ação judicial para retirar de circulação o dicionário **Houaiss**, alegando que a obra contém "referências preconceituosas" e "racistas" contra ciganos. Sobre essa medida, o jornalista Sérgio Rodrigues escreveu no Blog da revista **Veja**:

Supor que dicionários inventem os sentidos das palavras, em vez de simplesmente registrar com o maior rigor possível os usos decididos coletivamente por uma comunidade de falantes ao longo de sua história, é uma crença obscurantista e autoritária. Sua origem deve ser buscada no cruzamento entre a velha ignorância e uma doença intelectual mais recente: a ilusão politicamente correta de que, para consertar as injustiças do mundo, basta submeter a linguagem à censura prévia.

A ação partiu de Uberlândia, no Triângulo Mineiro (...) Não deve ficar nisso. O Brasil é um país vasto, e, como se sabe, tem poucos problemas verdadeiros, o que deixa ao MPF tempo de sobra para garimpar outros verbetes insultuosos no melhor, mais completo e mais rigoroso dicionário da língua portuguesa.

(<http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/curiosidades-etimologicas/ciganos-x-houaiss-depois-virao-judeus-baianos-japoneses/>)

Quanto ao processo judicial envolvendo o verbete "cigano" no dicionário, o blogueiro expressa uma reação irônica no trecho

- (a) "em vez de simplesmente registrar com o maior rigor possível os usos decididos coletivamente por uma comunidade"
- (b) "Sua origem deve ser buscada no cruzamento entre a velha ignorância e uma doença intelectual"
- (c) "para consertar as injustiças do mundo, basta submeter a linguagem à censura prévia"
- (d) "O Brasil é um país vasto, e, como se sabe, tem poucos problemas verdadeiros"
- (e) "no melhor, mais completo e mais rigoroso dicionário da língua portuguesa"

Utilize o texto abaixo para responder ao teste 11.

Da fala ao grunhido

Outro dia, ouvi um professor de português afirmar que, em matéria de idioma, não existe certo nem errado, ou seja, tudo está certo. Tanto faz dizer "nós vamos" como "nós vai".

Ouçó isso e penso: que sujeito bacana, tão modesto que é capaz de sugerir que seu saber de nada vale.

Mas logo me indago: será que ele pensa isso mesmo ou está posando de bacana, de avançadinho? (...)

A conclusão inevitável é que o professor deveria mudar de profissão porque, se acredita que as regras não valem, não há o que ensinar.

Mas esse vale-tudo é só no campo do idioma, não se adota nos demais campos do conhecimento. Não vejo um professor de medicina afirmando que a tuberculose não é doença, mas um modo diferente de saúde, e que o melhor para o pulmão é fumar charutos.

É verdade que ninguém morre por falar errado, mas, certamente, dizendo "nós vai" e desconhecendo as normas da língua, nunca entrará para a universidade, como entrou o nosso professor.

(Ferreira Gullar, Folha de S. Paulo, 25/03/2012)

11. Ao se manifestar quanto ao que seja “correto” ou “incorreto” no uso da língua portuguesa, o autor

- (a) mostra que inexistem critérios para definir graus de superioridade entre linguagens.
- (b) defende que as aulas de Português sejam abolidas nas escolas.
- (c) compara a normatividade das gramáticas à objetividade da ciência.
- (d) julga igualmente válidas todas as variedades da língua portuguesa.
- (e) ironiza pessoas que corrigem formas condenáveis de linguagem.

Utilize o texto abaixo para responder ao teste 12.

Com mais de 50 anos de escrevinhação nas costas, descobri algumas ideias que muita gente faz da vida de um escritor. Por exemplo, tem quem ache que os escritores, notadamente entre eles mesmos, só falam difícil, uma proparoxítora para abrir, uma mesóclise para dar classe e um tetrassílabo para arrematar. "Em teu parecer, meu impertérrito amigo", perguntaria eu ao Rubem Fonseca, durante nosso almoço periódico, "abater-se-á hoje, sobre a nossa urbe, uma formidanda intempérie?" Ao que o Zé Rubem reagiria com uma anástrofe, um mais-que-perfeito fazendo as vezes do imperfeito do subjuntivo e uma aliteração final show de bola, coisa de craque mesmo. "Augure do tempo fora eu, pressagiá-lo-ia libentíssimamente", responderia ele. "Todavia, de tal não me trato." E assim iríamos almoço afora, discutindo elevadíssimos assuntos, em linguagem só compreensível por indivíduos especiais.

(João Ubaldo Ribeiro, O Estado de São Paulo, 03/07/2011)

12. Ao comentar a suposta sofisticação presente nas falas dos escritores, João Ubaldo Ribeiro faz menção a vários fenômenos de linguagem. A respeito deles, está correto o que se afirma em:

- (a) Os tetrassílabos ocorrem quando as palavras contêm um grupo de duas letras que representam um único fonema.
- (b) A mesóclise, exemplificada em formas como “abater-se-á”, é uma construção que determina a colocação do pronome em relação ao verbo.
- (c) A anástrofe consiste em estabelecer a concordância ideológica, isto é, de acordo com a ideia e não com as palavras que efetivamente aparecem na oração.
- (d) O pretérito mais que perfeito e o imperfeito do subjuntivo expressam um processo verbal indicativo de exortação e advertência.
- (e) A aliteração, empregada pelo autor em “libentíssimamente”, exprime o auge da intensificação de uma qualidade.

Utilize os textos abaixo para responder ao teste 13.

Texto I

O texto na era digital

Para além do internetês, a internet está mudando a maneira como lemos e escrevemos

Com cada vez mais usuários – o acesso à rede no Brasil aumentou 35% entre 2008 e 2009 – a internet está criando novos hábitos de comunicação entre as pessoas, que acabam se adaptando às facilidades da nova tecnologia. (...)

O que já havia sido deflagrado nos anos 90 pela comunicação via e-mail, mensageiros eletrônicos e pela cultura escrita dos blogs, as redes sociais elevaram à enésima potência ao garantir interatividade e visibilidade às pessoas em torno de interesses em comum. (...)

Para além dos modismos que nascem e morrem na grande rede mundial de computadores, o advento do microblog Twitter extrapolou essa esfera para cair na boca de grandes homens de letras, muitas vezes avessos a novidades tecnológicas, como o escritor José Saramago, que chegou a declarar: "Os tais 140 caracteres reflectem algo que já conhecíamos: a tendência para o monossílabo como forma de comunicação. De degrau em degrau, vamos descendo até o grunhido". (...)

Embora não se possa afirmar categoricamente que a internet favoreceu o desenvolvimento de uma "cultura letrada", com ênfase em informações profundas e relevantes, ela reforçou o peso da palavra escrita no cotidiano das pessoas. Mais do que gírias e jargões, como o famigerado "internetês", as transformações pelas quais passam a escrita e a leitura estão por ser dimensionadas.

(<http://revistalingua.uol.com.br/textos/64/artigo249031-1.asp>)

Texto II



(Adaptado. <http://pttwitter.blogspot.com.br/2009/06/o-que-e-hashtag-do-twitter.html>)

13. Os Textos I e II abordam a questão da linguagem nos meios digitais. A partir de sua leitura, infere-se que

- Em ambos os textos, há evidências de que a navegação na internet limita a disseminação do saber.
- O Texto I defende que as inovações tecnológicas produziram uma torrente de informações tão grande que tornaram a escrita banal e empobrecedora.
- Tanto o Texto I quanto o Texto II revelam que o acesso à rede está interferindo na capacidade de leitura de crianças e adolescentes.
- O Texto II apresenta marcas específicas da linguagem do Twitter que limitam a compreensão da tira em leitores que não são usuários do microblog.
- O Texto I demonstra que o internetês produziu impactos na comunicação escrita, enquanto que o texto II nega esse fato.

14. Para divulgar a oferta de um plano de ligações ilimitadas, uma operadora de telefonia móvel apresentou, em seu anúncio publicitário, a seguinte frase:



Dentre as opções a seguir, a melhor substituição, no anúncio, para "ASPAS" é

- (a) trapaças.
- (b) cobranças.
- (c) frescuras.
- (d) burocracia.
- (e) limite.

Utilize o texto abaixo para responder aos testes 15 a 18.

A lógica do humor

Piada racista termina com polícia em casa de shows. É engraçado gozar de minorias? Até onde se pode chegar para fazer os outros rirem? Aliás, do que rimos?

De um modo geral, achamos graça quando percebemos um choque entre dois códigos de regras ou de contextos, todos consistentes, mas incompatíveis entre si. Um exemplo: "O masoquista é a pessoa que gosta de um banho frio pelas manhãs e, por isso, toma uma ducha quente".

Cometo agora a heresia de explicar a piada. Aqui, o fato de o sujeito da anedota ser um masoquista subverte a lógica normal: ele faz o contrário do que gosta, porque gosta de sofrer. É claro que a lógica normal não coexiste com seu reverso, daí a graça da pilhéria. Uma variante no mesmo padrão é: "O sádico é a pessoa que é gentil com o masoquista".

Essa "gramática" dá conta da estrutura intelectual das piadas, mas há também dinâmicas emocionais.

Kant, na "Crítica do Juízo", diz que o riso é o resultado da "súbita transformação de uma expectativa tensa em nada". Rimos porque nos sentimos aliviados. Torna-se plausível rir de desgraças alheias. Em alemão, há até uma palavra para isso: "Schadenfreude", que é o sentimento de alegria provocado pelo sofrimento de terceiros. Não necessariamente estamos felizes pelo infortúnio do outro, mas sentimos-nos aliviados com o fato de não sermos nós a vítima.

Mais ou menos na mesma linha vai o filósofo francês Henri Bergson. Em "O Riso", ele observa que muitas piadas exigem "uma anestesia momentânea do coração". Ou seja, pelo menos as partes mais primitivas de nosso eu acham graça em troçar dos outros. Daí os inevitáveis choques entre humor e adequação social.

Como não podemos dispensar o riso nem o combate à discriminação, o conflito é inevitável. Resta torcer para que seja autolimitado. Não deixaremos de rir de piadas racistas, mas não podemos esquecer que elas colocam um problema moral.

(Hélio Schwartzman, Folha de São Paulo, 16/03/2012)

15. O primeiro parágrafo apresenta uma das formas clássicas de introdução de um texto de caráter argumentativo, porque contém resumidamente elementos essenciais ao desenvolvimento das ideias do autor. Esses elementos, presentes em "A lógica do humor", podem ser definidos como:

- (a) declaração de natureza subjetiva – enumeração de subtemas.
- (b) registro de testemunho histórico – exemplificação do problema.
- (c) uso de perguntas retóricas – emprego de contra-argumentação.
- (d) afirmação da autoridade do enunciador – apresentação do problema.
- (e) relato de fato notório – delimitação do tema por meio de questionamentos.

16. Considere a definição feita a seguir.

“Em suma: toda declaração (ou juízo) que expresse opinião pessoal ou pretenda estabelecer a verdade só terá validade se devidamente demonstrada, isto é, se apoiada ou fundamentada na evidência dos fatos, quer dizer, se acompanhada de prova.”

(GARCIA, Othon M. Comunicação em prosa moderna. Rio de Janeiro: FGV, 1999.)

Dos trechos a seguir, aquele que pode ser interpretado como prova de uma declaração feita no texto de Hélio Schwartsman, tornando-a válida, é

- (a) “... achamos graça quando percebemos um choque entre dois códigos de regras ou de contextos, todos consistentes, mas incompatíveis entre si”.
- (b) “Em alemão, há até uma palavra para isso: ‘Schadenfreude’, que é o sentimento de alegria provocado pelo sofrimento de terceiros”.
- (c) “Não necessariamente estamos felizes pelo infortúnio do outro, mas sentimo-nos aliviados com o fato de não sermos nós a vítima”.
- (d) “Ou seja, pelo menos as partes mais primitivas de nosso eu acham graça em troçar dos outros”.
- (e) “Não deixaremos de rir de piadas racistas, mas não podemos esquecer que elas colocam um problema moral”.

17. O período “Como não podemos dispensar o riso nem o combate à discriminação, o conflito é inevitável.”, está adequadamente parafraseado em

- (a) Outrossim, o conflito é inevitável; não podemos dispensar o riso nem o combate à discriminação.
- (b) O conflito, no entanto, é inevitável, não podendo dispensar o riso nem o combate à discriminação.
- (c) Conquanto não possamos dispensar o riso nem o combate à discriminação, o conflito é inevitável.
- (d) A menos que não possamos dispensar o riso nem o combate à discriminação, o conflito será inevitável.
- (e) O conflito é inevitável, porquanto não podemos dispensar o riso nem o combate à discriminação.

18. No contexto em que ocorre, a palavra destacada em “É claro que a lógica normal não coexiste com seu reverso, daí a graça da pilhéria” significa

- (a) chiste
- (b) desgraça
- (c) tolice
- (d) disparate
- (e) padecimento

Utilize o texto abaixo para responder ao teste 19.

*Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
muda-se o ser, muda-se a confiança;
todo o mundo é composto de mudança,
tomando sempre novas qualidades.*

*Continuamente vemos novidades,
diferentes em tudo da esperança;
do mal ficam as mágoas na lembrança,
e do bem (se algum houve), as saudades.*

*O tempo cobre o chão de verde manto,
que já coberto foi de neve fria, e, enfim,
converte em choro o doce canto.*

*E, afora este mudar-se cada dia,
outra mudança faz de mor espanto,
que não se muda já como soía*.*

(Luís Vaz de Camões)

* *soía*: Imperfeito do indicativo do verbo *soer*, que significa *costumar*, *ser de costume*

19. Assinale a alternativa em que se analisa corretamente o sentido dos versos de Camões.

- (a) O foco temático do soneto está relacionado à instabilidade do ser humano, eternamente insatisfeito com as suas condições de vida e com a inevitabilidade da morte.
- (b) Pode-se inferir, a partir da leitura dos dois tercetos, que, com o passar do tempo, a recusa da instabilidade se torna maior, graças à sabedoria e à experiência adquiridas.
- (c) Ao tratar de mudanças e da passagem do tempo, o soneto expressa a ideia de circularidade, já que ele se baseia no postulado da imutabilidade.
- (d) Na segunda estrofe, o eu lírico vê com pessimismo as mudanças que se operam no mundo, porque constata que elas são geradoras de um mal cuja dor não pode ser superada.
- (e) As duas últimas estrofes autorizam concluir que a ideia de que nada é permanente não passa de uma ilusão.

Utilize o texto abaixo para responder ao teste 20.

Para fazer um poema dadaísta

Pegue num jornal.

Pegue numa tesoura.

Escolha no jornal um artigo com o comprimento que pretende dar ao seu poema.

Recorte o artigo.

Em seguida, recorte cuidadosamente as palavras que compõem o artigo e coloque-as num saco.

Agite suavemente.

Depois, retire os recortes uns a seguir aos outros.

Transcreva-os escrupulosamente pela ordem que eles saíam do saco.

O poema parecer-se-á consigo.

E você será um escritor infinitamente original, de uma encantadora sensibilidade, ainda que incompreendido pelas pessoas vulgares.

(Tristan Tzara)

20. A metalinguagem, presente no poema de Tristan Tzara, também é encontrada de modo mais evidente em:

(a)

Receita de Herói

Tome-se um homem feito de nada
 Como nós em tamanho natural
 Embeba-se-lhe a carne
 Lentamente
 De uma certeza aguda, irracional
 Intensa como o ódio ou como a fome.
 Depois perto do fim
 Agite-se um pendão
 E toque-se um clarim
 Serve-se morto.

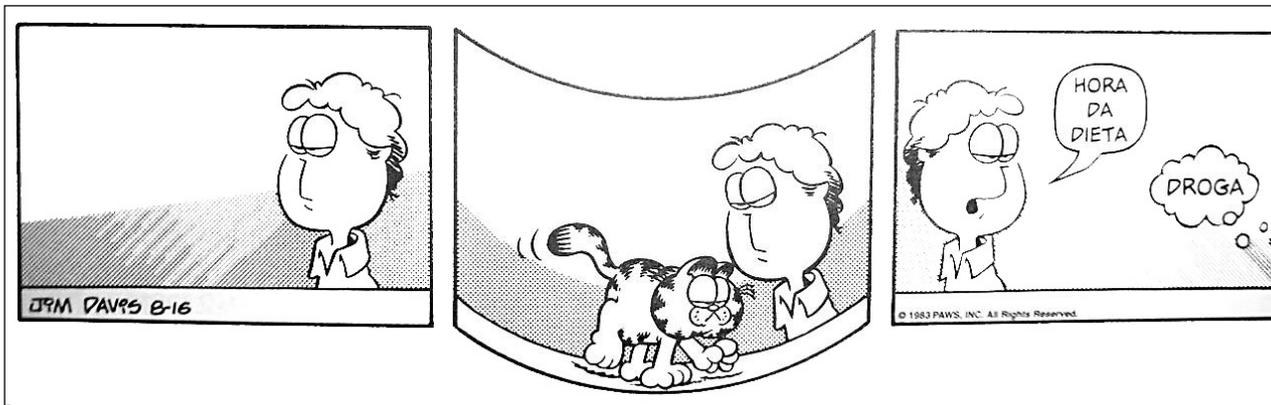
FERREIRA, Reinaldo. Receita de Herói. In: GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p.185.

(b)

girafas africanas
 como meus avós
 quem me dera
 ver o mundo
 tão do alto
 quanto vós

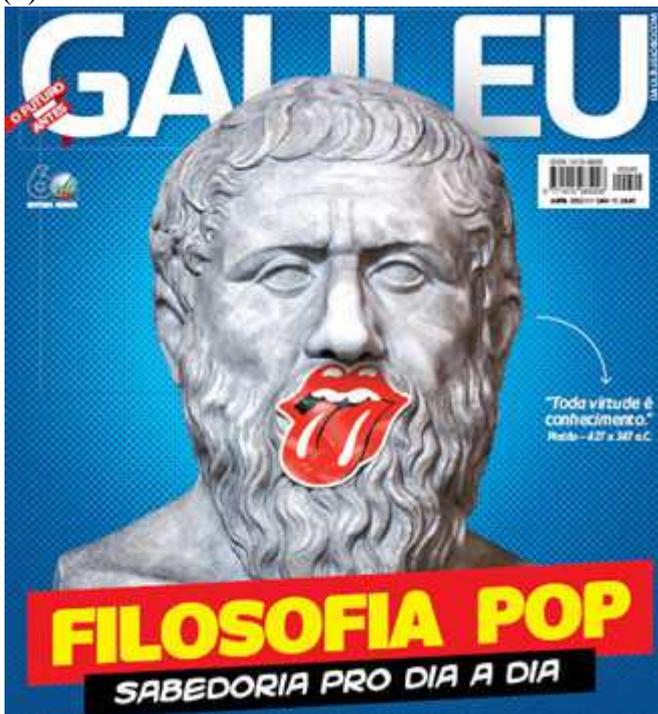
Paulo Leminski

(c)

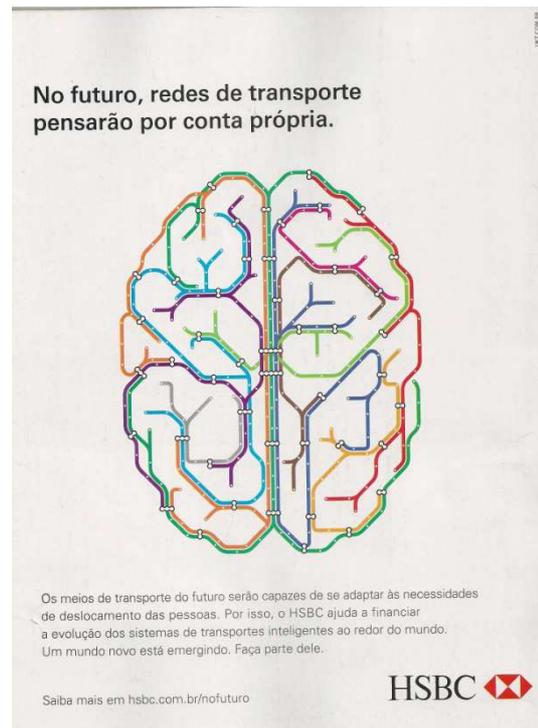


<http://deposito-de-tirinhas.tumblr.com/page/2>

(d)



(e)



Utilize o texto abaixo para responder aos testes 21 e 22.

Ele se encontrava sobre a estreita marquise do 18º andar. Tinha pulado ali a fim de limpar pelo lado externo as vidraças das salas vazias do conjunto 1801/5, a serem ocupadas em breve por uma firma de engenharia. Ele era um empregado recém-contratado da Panamericana – Serviços Gerais. O fato de haver se sentado à beira da marquise, com as pernas balançando no espaço, se deveria simplesmente a uma pausa para fumar a metade de cigarro que trouxera no bolso. Ele não queria dispensar este prazer, misturando-o com o trabalho.

Quando viu o ajuntamento de pessoas lá embaixo, apontando mais ou menos em sua direção, não lhe passou pela cabeça que pudesse ser ele o centro das atenções. Não estava habituado a ser este centro e olhou para baixo e para cima e até para trás, a janela às suas costas.

Talvez pudesse haver um princípio de incêndio ou algum andaime em perigo ou alguém prestes a pular. Não havia nada identificável à vista e ele, através de operações bastante lógicas, chegou à conclusão de que o único suicida em potencial era ele próprio. Não que já houvesse se cristalizado em sua mente, algum dia, tal desejo, embora como todo mundo, de vez em quando... E digamos que a pouca importância que dava a si próprio não permitia que a florasse seriamente em seu campo de decisões a possibilidade de um gesto tão grandiloquente. E que o instinto cego de sobrevivência levava uma vantagem de uns quarenta por cento sobre seu instinto de morte, tanto é que ele viera levando a vida até aquele preciso momento sob as mais adversas condições.

(In: MORICONI, Ítalo (org.). *Os cem melhores contos brasileiros do século*. R. Janeiro: Objetiva, 2000)

21. O texto acima é abertura do conto "Um discurso sobre o método", de Sérgio Sant'Anna. A partir da análise dos elementos narrativos, assinale V (verdadeiro) ou F (falso) para as afirmações que tratam do conflito da personagem principal.

- () Por rotineiramente se considerar relegado a um segundo plano, o protagonista procurou encontrar, perto de si, algum perigo que explicasse o que chamava a atenção do agrupamento de pessoas.
- () Ao notar a multidão que apontava em sua direção, o homem sentado sobre a marquise do prédio passou a refletir acerca das condições adversas de vida do ser humano.
- () O protagonista admite que o suicídio é uma atitude nobre que ele, um trabalhador humilde e insignificante, seria incapaz de pensar algum dia.

A sequência correta é:

- (a) V, F, V.
(b) V, V, F.
(c) V, F, F.
(d) F, V, F.
(e) F, F, V.

22. Em "... não lhe passou pela cabeça que pudesse ser ele o centro das atenções", os pronomes pessoais destacados exercem, respectivamente, a função sintática de

- (a) objeto indireto, sujeito.
(b) complemento nominal, objeto direto.
(c) adjunto adnominal, sujeito.
(d) objeto indireto, predicativo do objeto.
(e) adjunto adnominal, predicativo do sujeito.

Utilize o texto abaixo para responder ao teste 23.

Equivoca-se quem pensa que falar bem é falar claro. A arte da retórica reside, na verdade, na habilidade de confundir. Afinal, se digo algo e você entende de cara, vai logo se achando mais inteligente do que eu: mau negócio. Se, contudo, sou capaz de temperar as frases mais simples com um molho de obscuridade, com uma calculada pitada de empulhação, o ouvinte pensará que sei mais do que revelo: ponto para mim.

Vejam: você entra numa farmácia, pergunta se tem Aspirina e o funcionário responde com um peremptório "não". O que você pensará? Que aquela é uma farmácia ruim. Se, porém, ele disser que "no caso, Aspirina a gente não vai tá tendo, hoje", a coisa muda completamente de figura. O "no caso" sugere que, numa situação normal, ele teria Aspirina. Logo, "hoje", estamos numa situação anormal. Qual seria essa situação? Haveria um surto de enxaqueca no bairro? Boatos de que a Copa e as Olimpíadas levariam à falta de ácido acetilsalicílico teriam desencadeado uma busca frenética pelo produto? Você não sabe, ele sabe, e, num segundo, o que era uma farmácia vagabunda transforma-se numa farmácia sob estado de exceção, enquanto você, em vez de um cliente insatisfeito, torna-se um náufrago à deriva no mar da especulação.

(<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1210201104.htm>)

23. Entre os seguintes provérbios, qual deles melhor resume a concepção do autor sobre a retórica?

- (a) Eloquência é a arte de aumentar coisas pequenas.
- (b) Por fora bela viola, por dentro, pão bolorento.
- (c) Falar é prata, calar é ouro.
- (d) A bom entendedor, meia palavra basta.
- (e) A propaganda é a alma do negócio.

Utilize o texto abaixo para responder ao teste 24.

I

*Talvez sonhasse, quando a vi. Mas via
Que, aos raios do luar iluminada,
Entre as estrelas trêmulas subia
Uma infinita e cintilante escada.*

*E eu olhava-a de baixo, olhava-a... Em cada
Degrau, que o ouro mais límpido vestia,
Mudo e sereno, um anjo a harpa doirada,
Ressoante de súplicas, feria...*

*Tu, mãe sagrada! vós também, formosas
Ilusões! sonhos meus! Íeis por ela
Como um bando de sombras vaporosas.*

*E, ó meu amor! eu te buscava, quando
Vi que no alto surgias, calma e bela,
O olhar celeste para o meu baixando...*

(Olavo Bilac, *Via-Láctea*)

24. Embora seja identificado como o principal poeta parnasiano brasileiro, Olavo Bilac, nesse soneto, explora um aspecto do Romantismo, o qual está explicitado na seguinte alternativa:

- (a) objetividade e racionalismo do eu lírico.
- (b) subjetividade numa atmosfera onírica.
- (c) forte presença de elementos descritivos.
- (d) liberdade de criação e de expressão.
- (e) valorização da simplicidade, bucolismo.

Utilize o texto abaixo para responder ao teste 25.

Acho que nunca falei do meu amigo parnasiano. Era poeta e jovem, hoje é mais poeta do que jovem. Fazia umas brincadeiras com a linguagem dos poetas parnasianos, transplantando-a para banalidades de hoje. (...)

Não sei dizer quando esse amigo começou com a brincadeira. Talvez na faculdade de direito, e além do talvez não avanço. Uma noite, farreado, acabado e sem pouso, ele chegou a um daqueles hotéis de má fama que havia na Avenida Ipiranga, de escadaria longa, íngreme, estreita e desanimadora, e chamou lá de baixo:

— Estalajadeiro! Estalajadeiro!

Era já o parnasiano divertindo-se dentro dele. Um homem surgiu lá em cima, com má vontade. E o poeta, já possuído pela molecagem parnasiana, exclamou, teatral:

— Bom estalajadeiro! Tendes um catre para o meu repouso?

Recebeu de troco palavrões bocagianos.

(Ivan Angelo, Veja SP, 02/05/2012)

25. Considere estas afirmações:

I – O adjetivo “parnasiano”, atribuído ao amigo do narrador do texto, se deve à utilização de palavras pomposas, rebuscadas.

II – No último período, o termo “bocagianos” faz referência aos versos satíricos de Manuel Du Bocage, o mais importante autor do Parnasianismo lusitano.

III – Depreende-se, da leitura do texto, que os poetas parnasianos valorizavam o plano da expressão, em detrimento do plano do conteúdo.

Está correto o que se afirma em

- (a) I, apenas.
- (b) I e II, apenas.
- (c) II e III, apenas.
- (d) I e III, apenas.
- (e) I, II e III.

Utilize o texto abaixo para responder ao teste 26.

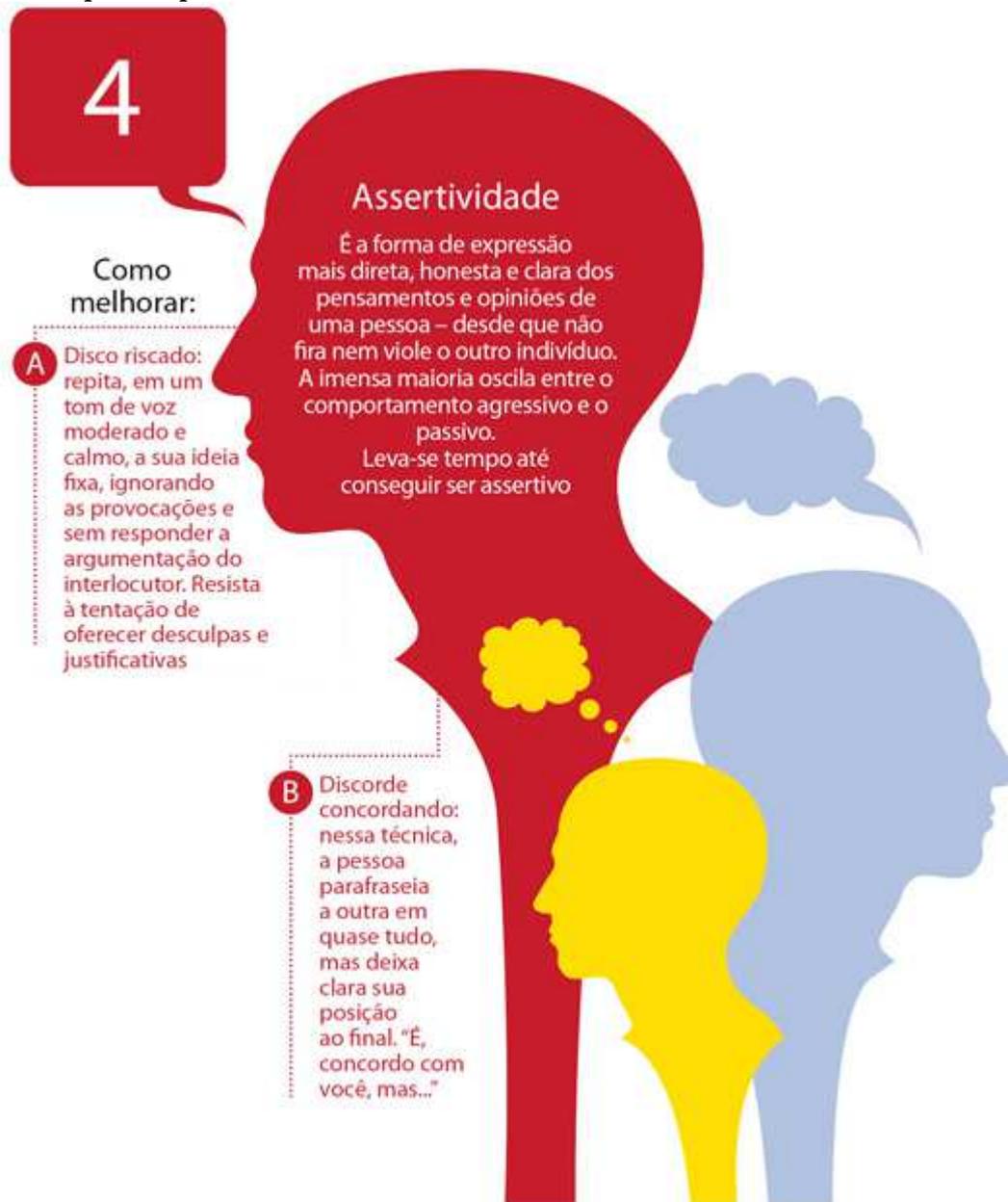
Um lugar-comum pode ser reconfortante. Mais do que incomodados, não poucos se sentem mais inteligentes quando flagram um chavão na boca ou na escrita alheia. Assim também muitos sabem que o mundo ainda está no lugar quando esbarram com algo já superado, mas familiar, como quem ri da própria infância ante o mais surrado patinho de borracha, o mais óbvio pingüim de geladeira. Talvez por isso, embora não seja preciso procurar muito para achar um, só nos damos conta de um clichê verbal quando adotamos certo estado de vigilância, leve que seja: a atenção migra, então, do assunto expresso para a linguagem que o expressa.

(Revista Língua, edição 54)

26. Segundo o texto, o que justifica o caráter “reconfortante” do clichê é

- (a) a previsibilidade que nos poupa do esforço da compreensão.
- (b) a argumentação baseada no senso crítico e reflexivo.
- (c) a associação da frase-feita com preceitos morais.
- (d) a repetição consciente de ideias com o mesmo sentido.
- (e) a citação, com êxito, de expressões idiomáticas.

Utilize o texto abaixo para responder ao teste 27.



(adaptado de http://www.istoe.com.br/reportagens/185664_A+ARTE+DE+SE+RELACIONAR)

27. Considerando a interlocução definida no infográfico, é correto afirmar que o objetivo desse texto é:
- descrever as principais dificuldades que impedem a comunicação entre pessoas.
 - orientar para o desenvolvimento de habilidades importantes na convivência com o outro.
 - mostrar quais são os mecanismos para manipular pessoas e conquistar sucesso profissional.
 - indicar as principais qualidades da comunicação em ambientes corporativos.
 - ênfatisar as principais causas do desgaste no relacionamento amoroso.

Utilize o texto abaixo para responder aos testes 28 a 30.

A cartomante

HAMLET observa a Horácio que há mais cousas no céu e na terra do que sonha a nossa filosofia. Era a mesma explicação que dava a bela Rita ao moço Camilo, numa sexta-feira de novembro de 1869, quando este ria dela, por ter ido na véspera consultar uma cartomante; a diferença é que o fazia por outras palavras.

— Ria, ria. Os homens são assim; não acreditam em nada. Pois saiba que fui, e que ela adivinhou o motivo da consulta, antes mesmo que eu lhe dissesse o que era. Apenas começou a botar as cartas, disse-me: "A senhora gosta de uma pessoa..." Confessei que sim, e então ela continuou a botar as cartas, combinou-as, e no fim declarou-me que eu tinha medo de que você me esquecesse, mas que não era verdade...

— Errou! interrompeu Camilo, rindo.

— Não diga isso, Camilo. Se você soubesse como eu tenho andado, por sua causa. Você sabe; já lhe disse. Não ria de mim, não ria...

Camilo pegou-lhe nas mãos, e olhou para ela sério e fixo. Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança; em todo o caso, quando tivesse algum receio, a melhor cartomante era ele mesmo. Depois, repreendeu-a; disse-lhe que era imprudente andar por essas casas. Vilela podia sabê-lo, e depois...

— Qual saber! tive muita cautela, ao entrar na casa.

— Onde é a casa?

— Aqui perto, na Rua da Guarda Velha; não passava ninguém nessa ocasião. Descansa; eu não sou maluca.

Camilo riu outra vez:

— Tu crês de veras nessas cousas? perguntou-lhe.

Foi então que ela, sem saber que traduzia Hamlet em vulgar, disse-lhe que havia muita coisa misteriosa e verdadeira neste mundo. Se ele não acreditava, paciência; mas o certo é que a cartomante adivinhara tudo. Que mais? A prova é que ela agora estava tranquila e satisfeita.

Cuido que ele ia falar, mas reprimiu-se. Não queria arrancar-lhe as ilusões. Também ele, em criança, e ainda depois, foi supersticioso, teve um arsenal inteiro de crendices, que a mãe lhe incutiu e que aos vinte anos desapareceram. No dia em que deixou cair toda essa vegetação parasita, e ficou só o tronco da religião, ele, como tivesse recebido da mãe ambos os ensinamentos, envolveu-os na mesma dúvida, e logo depois em uma só negação total. Camilo não acreditava em nada. Por quê? Não poderia dizê-lo, não possuía um só argumento: limitava-se a negar tudo. E digo mal, porque negar é ainda afirmar, e ele não formulava a incredulidade; diante do mistério, contentou-se em levantar os ombros, e foi andando.

Separaram-se contentes, ele ainda mais que ela. Rita estava certa de ser amada; Camilo, não só o estava, mas via-a estremecer e arriscar-se por ele, correr às cartomantes, e, por mais que a repreendesse, não podia deixar de sentir-se lisonjeado. A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos, onde morava uma comprovinciana de Rita. Esta desceu pela Rua das Mangueiras, na direção de Botafogo, onde residia; Camilo desceu pela da Guarda Velha, olhando de passagem para a casa da cartomante.

Vilela, Camilo e Rita, três nomes, uma aventura e nenhuma explicação das origens. Vamos a ela.

(Machado de Assis, *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar 1994. v. II)

28. Todas as seguintes afirmativas podem ser confirmadas pela leitura do texto, **EXCETO**

- Rita, uma mulher supersticiosa e dotada de espírito ingênuo, consultou uma cartomante porque acreditava que Camilo deixaria de amá-la.
- O penúltimo período do excerto é o mote usado pelo narrador para empregar a técnica narrativa do "flashback" e assim explicar como se montou a relação entre as personagens.
- O comportamento cético da personagem Camilo, descrente em relação às premonições da cartomante, decorre de conflitos vividos na infância.
- A citação da frase de Shakespeare, na abertura do conto, é um recurso intertextual que contribui para criar expectativas em relação ao conflito.
- Passagens como "... era imprudente andar por essas casas. Vilela podia sabê-lo, e depois..." e "A casa do encontro era na antiga Rua dos Barbonos" levam o leitor a inferir que Rita e Camilo eram amantes.

29. No discurso indireto, a forma verbal presente em “Tu crês deveras nessas cousas?” deve ser transformada em

- (a) cria
- (b) creste
- (c) crera
- (d) crias
- (e) crê

30. Considere as seguintes afirmações sobre o texto.

I – Em “Jurou que lhe queria muito, que os seus sustos pareciam de criança” e “Cuido que ele ia falar, mas reprimiu-se”, o narrador fornece pistas para que o leitor perceba que Camilo não era sincero em relação ao amor por Rita.

II – A visita à cartomante, além de compor o aspecto central do conflito que nomeia esse conto, também é um importante recurso caracterizador da personagem Rita.

III – Nota-se, por meio dos comentários feitos pelo narrador onisciente, que o misticismo e a busca pelo sobrenatural são vistos com certa simpatia pelo autor realista, que percebe as crendices como um reflexo do questionamento da realidade.

É correto o que se afirma apenas em

- (a) I.
- (b) I e II.
- (c) II e III.
- (d) II.
- (e) III.

INSTRUÇÕES PARA AS REDAÇÕES:

- a. Serão apresentados a você dois temas para redação.
- b. Você deve fazer uma redação para cada tema, ou seja, você deve fazer duas redações.
- c. As redações devem ser duas **dissertações em prosa**, com no máximo 30 linhas.
- d. Não é necessário escrever um título para cada redação, os títulos são dados juntamente com as propostas-tema.
- e. Em cada redação, fuga do tema implica nota zero.
- f. Redações com menos de 10 linhas serão desconsideradas.
- g. As redações podem ser feita a lápis.
- h. Anotações nas folhas identificadas como “Rascunho da Redação” não serão consideradas.
- i. Somente será considerado o que estiver escritos nas folhas pautadas e com linhas numeradas para as redações.
- j. Escreva suas redações com letra legível.
- k. Não é permitido destacar as folhas de rascunho das redações.

ATENÇÃO:

Você deve finalizar cada texto e passá-lo para a folha de redação até o horário limite de provas (indicado no quadro na frente da sala).

Lembre-se de que você poderá retirar as folhas para transcrever suas redações somente quando entregar o Cartão de Respostas preenchido.

Tema 1

Refleta sobre as ideias apresentadas nos textos a seguir e desenvolva uma **dissertação em prosa**.

Justiça condena pai por abandono afetivo
Em decisão inédita, STJ estipulou indenização de R\$ 200 mil

Decisão inédita no Superior Tribunal de Justiça (STJ) condena pai a pagar indenização de R\$ 200 mil por abandono afetivo. De acordo com a assessoria de imprensa do STJ, a filha, após ter obtido reconhecimento judicial da paternidade, entrou com uma ação contra o pai por ter sofrido abandono material e afetivo durante a infância e adolescência. A autora da ação argumentou que não recebeu os mesmos tratamentos que seus irmãos, filhos de outro casamento do pai.

(...)

(ISTOÉ, 02/05/2012)

TEXTO I

Abandono afetivo; e dá para entender que alguém entre na Justiça reivindicando uma quantia porque não recebeu do pai o afeto que gostaria?

O ideal seria que todos os pais cercassem seus filhos de carinho e de amor; mas isso é o ideal, e o ideal, como todo mundo sabe, não existe. Alguns pais não são nem carinhosos nem amorosos, que pena, mas a vida é assim, e uma filha que nunca teve o afeto paterno tem que entender que alguns não têm afeto para dar, ou apenas não conseguem - e tratar de viver a vida como ela lhe foi apresentada, isto é, como ela é. Pedir uma indenização - em dinheiro - porque não foi amada pelo pai, acho estranho. Quem põe um filho no mundo tem obrigações, mas amor dá quem pode, nem é um problema de querer; e amor não se cobra, nem de pai nem de ninguém.

(Danuza Leão em Folha de São Paulo, 13/05/2012)

TEXTO II

"Está se abrindo um caminho para a humanização da Justiça. O sentimento era um elemento com o qual o juiz até há pouco não trabalhava. Nós trabalhamos com os fatos, com a norma jurídica", diz a relatora do caso recente, ministra Nancy Andrighi.

"Muda a sociedade, o estilo de vida, as pessoas vão mudando. O direito de família hoje é muito dinâmico, tanto que foi reconhecida a sociedade homoafetiva, a paternidade socioafetiva", afirma o juiz paulista Homero Maion.

Para Rodrigo da Cunha Pereira, advogado que atuou no primeiro caso de abandono afetivo com pedido de indenização, em 2005, a alienação parental e o abandono afetivo são os dois lados da mesma moeda.

No primeiro, o pai (ou a mãe) trava uma batalha para conseguir ter contato com o filho. Já no segundo, é o filho que busca a convivência com o pai (ou mãe).

(Johanna Nublat e Nádia Guerlenda em Folha de São Paulo, 06/05/2012)

Conforme indicado nas folhas de rascunho e de redação, utilize o **próprio tema** como **título** de sua dissertação.

Tema/Título 1: Quanto vale o amor?

Tema/Título 1: Quanto vale o amor?

4

RASCUNHO DA
REDAÇÃO

8

12

RASCUNHO DA
REDAÇÃO

16

20

RASCUNHO DA
REDAÇÃO

24

28

Tema 2

Refleta sobre as ideias apresentadas nos textos a seguir e desenvolva uma **dissertação em prosa**.

Deus deveria ter espalhado câmeras no Jardim do Éden

HÉLIO SCHWARTSMAN

Num saboroso artigo publicado em "Philosophy Now", Emrys Westacott escrutina as implicações filosóficas da proliferação de câmeras de vigilância.

Em princípio, elas são perfeitas, e Deus deveria ter enchido o Jardim do Éden delas. Aí, quem sabe, Eva, quando tentada pela serpente a provar do fruto proibido, sabendo que estava sendo monitorada, tivesse tomado a decisão certa. Não haveria pecado original, queda, nem expulsão do Paraíso. Mulheres não experimentaríamos as dores do parto e nós não precisaríamos trabalhar. Melhor ainda, as câmeras não comprometem o livre-arbítrio, tão caro ao Criador.

A ideia central aqui é que as câmeras, ao fazer com que dever moral e interesse próprio (não ser apanhado) caminhem juntos, nos impelem a tomar as decisões certas, o que é bom para nós e para a sociedade. Aplaudiriam as câmeras filósofos como Platão e Thomas Hobbes.

É claro, porém, que em filosofia as coisas nunca são tão simples. Deus não colocou câmeras no Jardim do Éden, muito provavelmente porque Ele é kantiano. E, para Immanuel Kant, podemos fazer o que é certo ou bem por temer a sanção ou por reconhecer a racionalidade por trás dessa lei. Só no segundo caso somos verdadeiramente morais e livres. As câmeras, na verdade, até impediriam o nosso crescimento como agentes morais.

Quando calculamos os benefícios utilitários da hipervigilância, que se traduzem na diminuição de crimes e acidentes, não é difícil descartar as objeções kantianas como meras abstrações acadêmicas. Mas, de novo, as coisas não são tão simples.

Se você tivesse a chance de escolher se vai trabalhar numa empresa que monitora tudo o que você faz no computador ou numa que o deixa livre desde que cumpra as suas tarefas, qual escolheria?

Como se vê, não é tão fácil se desfazer do ideal kantiano do aprimoramento moral do indivíduo. Ele acaba sempre voltando, sob diferentes roupagens, como a liberdade.

Westacott conclui seu artigo lembrando que o contexto faz a diferença. Existem situações em que a vigilância eletrônica favorece bons comportamentos, mas, em outras, notadamente as mais privadas, como entre marido e mulher, ela estraga a ideia de desenvolvimento moral, a qual, embora utópica, funciona como uma bússola.

(Folha de São Paulo, 27/08/2011)

Conforme indicado nas folhas de rascunho e de redação, utilize o **próprio tema** como **título** de sua dissertação.

Tema/Título 2: Vigiar é preciso?

Tema/Título 2: Vigiar é preciso?

4

RASCUNHO DA
REDAÇÃO

8

12

RASCUNHO DA
REDAÇÃO

16

20

RASCUNHO DA
REDAÇÃO

24

28

